



A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE ARTE: EXPERIÊNCIAS EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINAS/SP

Letícia Silva Okuyama¹
Daniel Vitor Alves de Oliveira²
Heloísa Duria Cavalheiro³
Ana Maria Rodriguez Costas⁴

RESUMO

Este relato de experiência investiga as possibilidades e os desafios da inclusão de pessoas autistas no ensino de Arte no contexto escolar. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Domingos Zatti, em Campinas (SP), uma instituição reconhecida pelo atendimento a estudantes com deficiência que conta com profissionais de educação especial e cuidadores. O objetivo do trabalho é refletir sobre como é realizado o ensino da disciplina de Arte, especialmente os conteúdos referentes à dança, para estudantes autistas, considerando questões como a hipersensibilidade ao som e ao toque, além da necessidade de estratégias que favoreçam a democratização do acesso à arte. A investigação parte da vivência de três estudantes bolsistas do subprojeto de Dança do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Unicamp, que acompanharam as turmas de 2º e 4º anos sob supervisão da professora Ana Carolina de Araújo. O referencial teórico-metodológico articula as Diretrizes Curriculares do Município de Campinas, estudos sobre educação inclusiva e ensino de artes para pessoas com e sem deficiência. Os principais resultados indicam que, embora haja um esforço contínuo dos profissionais em promover a inclusão, persistem desafios relacionados à adequação das práticas artístico-pedagógicas às especificidades sensoriais e comunicativas dos alunos autistas. Além disso, destaca-se a importância das experiências na formação docente dos bolsistas, que puderam refletir sobre a democratização do ensino de Arte, reconhecendo a necessidade de uma formação mais humana e da reinvenção constante de estratégias pedagógicas que acolham as diferenças.

¹ Graduanda do Curso de **Dança** da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1259608@dac.unicamp.br;

²Graduando pelo Curso de **Dança** da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, d259570@dac.unicamp.br;

³Graduanda do Curso de **Dança** da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, h259589@dac.unicamp.br;

⁴ Docente do Curso de **Dança** da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, anaterra@unicamp.br;



Palavras-chave: Inclusão escolar; Ensino de artes; Educação especial; Autismo; PIBID Dança.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a inclusão de estudantes autistas em escolas públicas se mostra cada vez mais necessário, pois a educação pública apresenta um histórico marcado pela negligência quanto às suas demandas de recursos para promover um ensino de qualidade para a diversidade de crianças e jovens que frequentam a educação básica. Além disso, apesar da existência de uma legislação que aponta para avanços, conforme a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência –, inúmeros preconceitos e violências vigentes na vida social se fazem presentes no contexto escolar. Tais aspectos são importantes na formação educacional de qualquer aluno e, sobretudo, para alunos que se enquadrem em alguma minoria social – como as pessoas neurodivergentes, especificamente aquelas dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), às quais dedicamos atenção neste relato de experiências que se desenvolveram na disciplina de Arte. Por se tratar de uma área que aborda o conhecimento sensível e que, muitas vezes, exige materiais, espaços adequados, situações e posturas que vão além do estar sentado em carteiras enfileiradas e da utilização de lousa e caderno, outras demandas de atenção e cuidado podem aparecer.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por alterações em pelo menos uma das seguintes áreas: linguagem e comunicação, interação social ou padrões de comportamento que evidenciam uma busca acentuada por regularidade (Chiote, 2023). Todavia, embora existam atributos gerais que auxiliam no diagnóstico do TEA, cada pessoa dentro do espectro apresenta singularidades e necessidades de suporte distintas. Além disso, a comunidade neurodivergente tem defendido que o TEA não define a pessoa em sua totalidade, sendo apenas uma dimensão de sua personalidade, e que não se trata de uma doença que possa ou deva ser curada (Araujo, Silva, Zanon, 2023).

Este estudo é motivado pelas experiências de três bolsistas do subprojeto Dança do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Unicamp na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Domingos Zatti localizada na cidade de Campinas (SP), a qual é reconhecida pelo atendimento a estudantes com deficiência e conta com





profissionais de educação especial e cuidadores. A infraestrutura física da escola é restrita e passa atualmente por reformas, mas a organização da rotina e horário das turmas busca se adequar às dificuldades espaciais. Trata-se de um fator que afeta mais algumas disciplinas, como a de Arte – especialmente quando são propostos conteúdos de Dança – pois os locais abertos são limitados, o que leva a professora responsável a se adaptar às restrições físicas da sala de aula. Infelizmente, não se trata de um problema desta escola, mas da maioria das escolas públicas no país que não dispõem de uma sala apropriada para práticas de dança.

Quanto à organização para receber estudantes autistas, a escola Domingos Zatti conta com duas professoras da educação especial – uma no período da manhã e outra à tarde – e também diversos cuidadores, que costumam ser direcionados a acompanhar determinados alunos dentro e fora da classe. Neste caso, observamos a presença de cuidadores apoiando esses estudantes em situações que provocam sua desregulação.

Em nossa atuação no Subprojeto Dança, observamos os desafios e dificuldades de inserir algumas das crianças autistas no ambiente da sala de aula, atentos para os possíveis suportes que cada estudante poderia precisar. Daí, ao vivenciar certos desafios no ensino-aprendizagem desses estudantes, emergiram as seguintes perguntas: apenas um professor por sala atende todas as demandas da turma? Como acontece a preparação dos cuidadores que atuam na escola? Quais instruções são ou deveriam ser dadas para esses profissionais? Seu trabalho é bem remunerado? Em uma escola reconhecida por atender tantos alunos com deficiência, quantas profissionais da educação especial deveriam trabalhar por período?

Movidos por indagações que surgiram no cotidiano de nossas experiências e a partir do estudo das Diretrizes Curriculares do Município de Campinas (2012), o presente trabalho busca refletir sobre como é realizado o ensino da disciplina de Arte, especialmente os conteúdos referentes à dança, para turmas do ensino fundamental em que estão presentes estudantes autistas.

METODOLOGIA

A metodologia que dá sustentação a este trabalho baseou-se na participação ativa de três estudantes do Curso de Licenciatura em Dança, bolsistas pibidianos, por meio do acompanhamento das aulas da disciplina de Arte ministradas pela professora Ana Carolina de Araújo Goés, supervisora de uma das escolas parceiras do subprojeto Dança. A metodologia fundamenta-se na observação participante, no registro sistemático e na reflexão crítica em grupo sobre as experiências, o que permitiu compreender de forma aprofundada as dinâmicas pedagógicas e sociais presentes no ambiente escolar.

A observação participante consistiu em acompanhar as aulas, interagindo de maneira ativa com os alunos, mas também mantendo um olhar atento às práticas pedagógicas da professora e à organização do espaço escolar. Esse acompanhamento não se restringiu apenas à sala de aula, estendendo-se também a outros espaços da escola, como corredores, quadra e refeitório, possibilitando uma análise mais ampla do ambiente educacional e das interações entre os alunos.

Durante esse processo, observamos aspectos importantes da convivência estudantil, tais como: relações interpessoais, participação nas atividades propostas, engajamento e comportamentos singulares dos alunos. Essa prática possibilitou compreender como as estratégias pedagógicas influenciam a participação e o aprendizado, além de permitir identificar diferentes formas de interação, cooperação e socialização entre os estudantes. Também envolveu a observação de aspectos sensoriais e comunicativos dos estudantes autistas, como a hipersensibilidade a sons e ao toque, sendo a participação efetiva nas atividades um dos focos específicos de nossa atenção.

As aulas, por serem ministradas por uma professora licenciada em Dança, apresentaram características e dinâmicas diferentes daquelas que vivenciamos em aulas de Arte quando éramos estudantes da educação básica, em que predominavam conteúdos das Artes Visuais. Como graduandos em Dança, pudemos observar não apenas os conteúdos artísticos, mas também o processo de planejamento das aulas, incluindo a forma como os exercícios são organizados, a sequência de atividades, os métodos de abordagem corporal e a





adaptação das práticas para incluir todos os alunos. Essa perspectiva permitiu uma reflexão mais aprofundada sobre como a formação em Dança influencia o planejamento, a execução e a mediação das aulas, além de como essas escolhas impactam o engajamento e a participação dos estudantes, especialmente aqueles com necessidades específicas.

Além da observação, foi realizada uma aproximação mais direta com os alunos, por meio da mediação de atividades e apoio em exercícios propostos pela professora. Essa interação proporcionou uma percepção mais detalhada sobre as habilidades, desafios e singularidades dos estudantes, com atenção especial aos alunos autistas. A partir desse contato, tornou-se possível refletir criticamente sobre como esses alunos vivenciam o espaço escolar, participam das atividades artísticas e estabelecem relações com colegas, professores e cuidadores, considerando aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

Foi fundamental o relato da professora supervisora, que compartilhou algumas informações relevantes dos alunos autistas: modos de ser e agir no contexto escolar, contexto familiar, grau de autismo e particularidades individuais. Esse diálogo possibilitou compreender melhor como a escola organiza suas práticas pedagógicas e de cuidado, e de que forma os profissionais trabalham para atender às necessidades específicas desses estudantes, enriquecendo nossa reflexão sobre a inclusão no ensino de Arte.

As observações e reflexões foram essenciais para a análise crítica do contexto educacional. Cada experiência observada foi discutida entre os bolsistas, permitindo a identificação de alguns padrões de comportamento, a formulação de estratégias de ensino que poderiam ser de maior eficácia para um determinado aluno, assim como, o reconhecimento dos desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem na perspectiva inclusiva. Por meio da reflexão crítica, foi possível relacionar essas experiências com as referências bibliográficas que abordam a prática didática e pedagógica com os princípios da educação inclusiva, contribuindo para o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda sobre a prática docente e a educação de alunos com necessidades específicas.

Dessa forma, a metodologia adotada combinou observação participante, interação direta com os alunos e reflexão crítica, possibilitando analisar de maneira detalhada a prática

educativa e a inclusão de alunos autistas, considerando o ambiente escolar, as atividades propostas, as relações interpessoais e o engajamento dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Teixeira-Machado (2015), o autismo é definido, do ponto de vista neurológico, como um conjunto de desordens que afetam o desenvolvimento neuropsicomotor, a socialização, a comunicação verbal e não verbal, além de envolver padrões estereotipados e repetitivos de comportamento e dificuldades sensoriais. Sob o prisma da visão social da deficiência, esses aspectos passam a ser compreendidos de maneira relacional, entendendo-se a deficiência como um fenômeno que se evidencia nas interações entre o sujeito, o contexto e as barreiras de diferentes naturezas (sociais, comunicacionais, arquitetônicas, entre outras). Referenciada no modelo social da deficiência, a política educacional inclusiva vigente no município de Campinas assegura o direito à educação e valoriza as potencialidades e capacidades singulares de cada estudante (Campinas, 2012).

Para fundamentar a reflexão sobre as experiências relatadas, utilizamos como base as Diretrizes Curriculares do Município de Campinas (2012), que compreendem a educação especial sob a perspectiva da educação inclusiva. De acordo com o documento, pensar a educação a partir das diferenças implica romper com atitudes colonialistas, que historicamente impuseram linguagens, formas de aprendizagem, inteligências e modelos de corpo padronizados (Campinas, 2012). Assim, torna-se imprescindível adequar as metodologias de ensino às singularidades dos estudantes, reconhecendo que não é possível que todos aprendam as mesmas coisas, no mesmo tempo e da mesma forma.

O texto curricular ressalta que:

O desafio da participação e aprendizagem, com qualidade, dos alunos com deficiência, exige da escola a prática da flexibilização curricular que se viabiliza por meio da adequação de objetivos propostos, na adoção de metodologias alternativas de ensino, no uso de recursos humanos, técnicos e materiais específicos, no redimensionamento do tempo escolar, como também em uma avaliação que promova a aprendizagem a partir das condições próprias de cada aluno, para que esses exerçam o direito de aprender em igualdade de oportunidades e condições (Campinas, 2012, p. 22).



Essa perspectiva rompe com a visão médica da deficiência, historicamente centrada na ideia de doença, incapacidade ou desvantagem a ser corrigida. Para tanto, torna-se fundamental a atuação articulada entre os diferentes profissionais que atuam na escola. O diálogo entre professores da educação regular e da educação especial, assim como, entre gestores, pedagogos, professores especialistas, funcionários e cuidadores é essencial para o planejamento e a construção de ambientes de aprendizagem acessíveis. Conforme o mesmo documento, os professores da educação especial: “[...] *participam da elaboração, reflexão, desenvolvimento e avaliação do projeto pedagógico, contribuindo para o trabalho coletivo das UEs, na construção de uma escola inclusiva, que garanta o processo de escolarização do público alvo da Educação Especial [...]*” (Campinas, 2012, p. 27).

Do ponto de vista conceitual, Bock, Gesser e Nuernberg (2020) reforçam a compreensão contemporânea da deficiência como um fenômeno relacional “*com os contextos, com as barreiras e com os facilitadores, e cada pessoa a vivenciará de maneira singular*” (p. 366). Esses autores também chamam atenção para a necessidade de repensar a acessibilidade de forma ampla:

É preciso pensar a acessibilidade para além de algo exclusivo de pessoas com deficiência, pois ela pode servir como potencializadora da participação de qualquer pessoa, uma vez que, com a remoção das barreiras e a promoção de atitudes de cuidado, distintos sujeitos são atendidos nas suas especificidades (p. 367).

Essa concepção (Bock, Gesser e Nuernberg, 2020) constitui-se como princípio do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que propõe a criação de contextos educativos planejados desde o início para incluir o maior número de pessoas possível, sem depender de adaptações posteriores. Assim, a inclusão passa a ser um princípio norteador do planejamento pedagógico, e não uma resposta improvisada à presença de um aluno com deficiência. O DUA valoriza a equidade de acesso e a ação intencional do cuidado, promovendo a autonomia e o exercício da agência de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

No campo da Arte, especialmente da Dança, encontram-se potências significativas para a inclusão de estudantes com autismo e outras deficiências. A prática corporal pode favorecer o desenvolvimento sensório-motor, gestual e expressivo, além de ampliar

possibilidades de comunicação não verbal, contribuindo para a autonomia e o bem-estar dos estudantes. Apesar de seu estudo ser oriundo do campo da saúde, Teixeira-Machado (2015) contribui com nosso entendimento ao afirmar que a dança “*pode estimular a integração da sensação, da percepção e, assim, predispor à ação*” (p. 206).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências vivenciadas nas turmas trazidas para este relato nos revelaram como são essenciais o trabalho conjunto dos profissionais e a adequação das estruturas e equipamentos que atendam às necessidades dos estudantes do espectro autista nas escolas públicas. Dessa forma, percebemos que para uma educação inclusiva e acessível para todos, estratégias metodológicas como o DUA (Desenho Universal da Aprendizagem) são soluções possíveis. Pudemos observar que, apesar dos avanços nas políticas educacionais, ainda persistem desafios significativos na efetivação da inclusão de estudantes autistas nas aulas de Arte no ensino público.

Em nossas observações, vimos como é essencial o trabalho do profissional de educação especial, assim como o papel das cuidadoras. Observamos que as cuidadoras têm uma relação de mais intimidade com os estudantes, e podem favorecer a comunicação entre os alunos e a professora especialista. Além disso, é muito importante a presença do professor de educação especial para elaborar estratégias metodológicas para incluir os estudantes nas aulas; neste sentido, seria muito importante a presença de uma equipe maior nesses espaços. Esses profissionais promovem a construção de estratégias pedagógicas mais adequadas e o diálogo interdisciplinar necessário à inclusão efetiva.

Durante as aulas de Arte, que, de acordo com as Diretrizes Curriculares (2012), devem abranger múltiplas linguagens, como dança, teatro, música e artes visuais, acontecem momentos com grande movimento e agitação dos alunos dependendo das propostas, o que pode gerar algum desconforto em alguns estudantes autistas. Como incluí-los nessas práticas e minimizar esses desconfortos foram situações que ocupavam nossas conversas e reflexões. A aquisição por exemplo de equipamentos de abafamento de ruído ou a possibilidade de





retirar momentaneamente um aluno da sala são estratégias que poderiam funcionar, ou, ainda, como visto no DUA, pensar em planejamentos de aulas que sejam inclusivas para todos.

Essas constatações apontam para a importância de repensar metodologias sensíveis ao corpo, que considerem as diferentes formas de percepção, expressão e comunicação presentes entre os estudantes. A Arte e, particularmente, a Dança, configuram-se como linguagens potentes para o diálogo não verbal e o desenvolvimento da comunicação expressiva de estudantes autistas. No entanto, para que essa potência se realize, é fundamental uma articulação efetiva entre professor especialista, cuidador e profissional de educação especial, garantindo que as práticas sejam planejadas de forma compartilhada e com recursos acessíveis.

Conforme o documento curricular municipal:

Os objetivos do Componente Curricular Arte dos anos iniciais e finais encontram-se em consonância e fundamentados numa proposta de trabalho construída de modo que o aluno vivencie, por meio das práticas pedagógicas cotidianas, a expressão através da música, das artes visuais, das artes corporais (teatro e dança) como possibilidades diferenciadas de dialogar com o mundo. (Campinas, 2012, p. 132)

Esse princípio reforça que a Arte, em sua natureza múltipla e expressiva, pode ser um canal privilegiado de inclusão e comunicação. Contudo, para que isso ocorra, é necessário que as escolas assumam o movimento inclusivo como prática concreta, o que pressupõe, segundo o mesmo documento: “*A articulação entre a educação especial e o ensino comum, considerando a elaboração, a disponibilização e a avaliação de estratégias pedagógicas, de serviços e recursos de acessibilidade para a promoção efetiva do direito de todos à educação*” (Campinas, 2012, p. 23).

Diante das experiências analisadas, compreendemos que a inclusão de estudantes autistas nas aulas de Arte exige um processo contínuo de construção coletiva, sensível às singularidades de cada corpo e às condições estruturais que possibilitam o aprendizado. A atuação integrada entre professores, cuidadores e profissionais da educação especial revela-se essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas realmente inclusivas, que respeitem ritmos, modos de comunicação e formas de expressão diversas. Assim, os resultados deste



relato indicam a importância da formação continuada de professores, da oferta de recursos e estruturas adequadas nas escolas. A arte, com seu potencial expressivo e criativo, especialmente por meio da dança, pode configurar espaços e tempos para o encontro e a valorização das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam que a inclusão de estudantes autistas nas aulas de Arte demanda uma compreensão ampliada sobre o autismo, não somente em seu aspecto neurológico, mas principalmente sob uma perspectiva social, educacional e cultural. As legislações e diretrizes curriculares do município de Campinas apontam caminhos importantes, mas sua efetivação depende de um compromisso coletivo entre gestores, professores, cuidadores e profissionais da educação especial, além de condições estruturais para a efetivação dos planejamentos pedagógicos. A Arte, e em especial a Dança, mostrou-se uma potente ferramenta de expressão e comunicação, capaz de abrir caminhos para o diálogo sensível entre diferentes corpos e modos de estar no mundo.

A experiência proporcionada pelo PIBID revelou-se, nesse contexto, um espaço formativo indispensável, que possibilitou aos bolsistas vivenciar a realidade da escola pública e refletir sobre as práticas inclusivas a partir da experiência concreta. Os desafios observados - estruturais, metodológicos e atitudinais - reforçam a necessidade de repensar continuamente a formação docente e a construção de estratégias pedagógicas fundamentadas em princípios inclusivos, como o Desenho Universal da Aprendizagem.

Concluímos, portanto, que a Dança para estudantes autistas na escola constitui um campo de investigação e prática que merece ser ampliado e aprofundado, tanto na pesquisa acadêmica quanto na formação de professores. Promover espaços em que o corpo possa se expressar livremente, em diálogo com a diferença, é um passo essencial para consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva, criativa e humanizadora.





AGRADECIMENTOS

Grande agradecimento ao Subprojeto Dança do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Unicamp, às crianças, à escola Padre Domingos Zatti, à professora doutora Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra) e à supervisora e professora Ana Carolina de Araújo Góes, por serem fonte de inspiração e conhecimento sobre o ensino-aprendizagem da arte com afeto, dedicação e inclusão.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônica Aparecida da; ZANON, Regina Basso. **AUTISMO, NEURODIVERSIDADE E ESTIGMA: PERSPECTIVAS POLÍTICAS E DE INCLUSÃO.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, 2023.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. **O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado.** Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 16, n. 2, p. 361-380, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15886/pdf>> Acesso em: 31 mai.2023.

CAMPINAS (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.** Campinas: SME, [s.d.], 2012

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

TEIXEIRA-MACHADO, Lavinia. **Dançaterapia no autismo: um estudo de caso.** Fisioterapia e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 205-211, 2015.